

Diversão & Arte

O OLHO do AUTOR

» NAHIMA MACIEL

Quando Fernando Moraes começou a pensar em escrever um livro sobre Luiz Inácio Lula da Silva, imaginou fazer algo parecido com *Os mil dias*, no qual o americano Arthur M. Schlesinger Jr. esmiúça a administração de John F. Kennedy. O livro rendeu o Prêmio Pulitzer ao americano, e é um belo trabalho de apuração e análise, mas Lula não gostou da ideia de ter Moraes em sua cola 24 horas por dia. "A ideia era contar a história do personagem do lado de dentro da presidência", explica o escritor mineiro, autor de biografias fundamentais para a história do país, como *Chatô — O rei do Brasil* e *Olga*. "Lula não topou. Falou 'não quero que você passe quatro anos grudado em mim feito um carrapato'. E eu acabei tendo que fazer um livro diferente do que eu imaginava."

O que Moraes queria mesmo era analisar como um trabalhador apenas com o curso primário, que fez carreira na vida sindical, não foi vereador, deputado estadual, prefeito nem governador, exercia a presidência da República. O livro ficou, de fato, diferente, mas a amizade com Lula permitiu uma proximidade que rendeu muito mais que um volume. Fernando Moraes lançou *Lula — Biografia Volume 1*, em 2026, e agora está de volta com o volume 2. Não é uma biografia convencional, com desenvolvimento cronológico e pautada por uma sequência banal de nascimento, vida e morte. Moraes navega por uma história muito mais complexa e, se no primeiro livro ele anda de trás para frente ao iniciar a narrativa com a prisão de Lula em abril de 2018, agora é no movimento das Diretas Já, em 1984, e na campanha para presidente nas eleições de 1989 que o escritor concentra a primeira metade da biografia.

Há momentos históricos e bastante conhecidos, narrados com a habilidade incontornável de Moraes, mas é nas revelações que a biografia ganha tempero ao adicionar fatos costurados nos bastidores da história. É o caso da participação silenciosa do general João Figueiredo, então presidente da República, na campanha das Diretas. Ou da chapa Lula-Tasso Jereissati, atropelada pelo Plano Real e pela candidatura de Fernando Henrique Cardoso. Ou a parceria entre José Dirceu e a revista *Veja* na viabilização de reportagem que revelou a declaração de Imposto de Renda de PC Farias, tesoureiro da campanha de Fernando Collor de Mello, a prova da sonogação engendrada pela movimentação milionária de dinheiro em paraísos fiscais.

Há, ainda, a história da repórter que se passou por secretária de governador para conseguir um furo de reportagem sobre um racha no interior do PT durante o governo de Itamar Franco. Ou a constatação da enorme dificuldade de Lula em lidar com as derrotas. E foram muitos nos primeiros anos da volta da democracia. "Eu vou conduzindo a carreira dele pelos bastidores que envolveram cada uma dessas eleições ou dessas campanhas eleitorais. Como eu tive o privilégio de não ser do PT, isso facilitou muito a minha vida, eu não tinha uma relação de reverência por ele, de ser um quadro do partido. Não. Eu estava ali como repórter. E com privilégios que repórteres não tinham, que era conviver com ele", conta Moraes. Durante 11 anos, o escritor acompanhou Lula em campanhas, caravanas pelo Brasil, palanques, reuniões, gabinetes e, sobretudo, viagens. Foram 18 viagens internacionais a quatro continentes. "E, nas viagens, não tinha telefone, não tinha secretária, não tinha assessor de nada, não tinha deputado, não tinha senador, não tinha pu-xa

saco, não tinha ninguém ali para perturbar", brinca Moraes, que muitas vezes advertiu o personagem de que era um repórter, e não um amigo. "Às vezes, ele falava coisas tão indiscretas que eu ficava sem jeito de anotar na frente dele, eu levantava no avião, ia ao banheiro, pegava o caderno e anotava", lembra o escritor, que conversou com o *Correio* sobre detalhes da apuração para escrever o livro.

Entrevista // Fernando Moraes

O primeiro volume da biografia começa com a prisão do Lula e o segundo, com a campanha. Por que optou por essa estrutura?

No primeiro volume, eu acabei optando por seguir um caminho menos convencional. Em geral, você vai fazer biografia, você começa ou com o nascimento do personagem ou com a morte do personagem. Mas eu tive um privilégio inesperado. Quando eu estava acompanhando o Lula para fazer o livro, ouço no rádio que o Moro acabava de decretar a prisão dele em Curitiba. E aquilo atrapalhou meus planos. Na mesma hora, fui para o sindicato, grudei nele e só desgrudei na hora em que ele deitou na cama da cela em Curitiba. Como eu tive o privilégio de estar acompanhando esse pedaço dramático da vida dele, longe da imprensa, sem jornalista por perto, sem político por perto, era muito pouca gente, cheguei à conclusão de que tinha que começar o livro com aquilo, eram informações muito ricas que eu estava obtendo ali e não fazia muito sentido esperar a trajetória convencional do livro para poder chegar nesse material. Tive o privilégio de ser testemunha pessoal das duas prisões dele: a prisão na democracia e a prisão na ditadura, porque quando o DOI-CODI foi prendê-lo em 1980, eu estava na casa dele. Pensei: olha, o destino do livro está sendo dado pelo próprio livro.

O Lula é seu personagem, mas também seu amigo e o primeiro personagem vivo que você biografou. Como lidar com isso para conseguir fazer uma biografia que não seja muito laudatória?

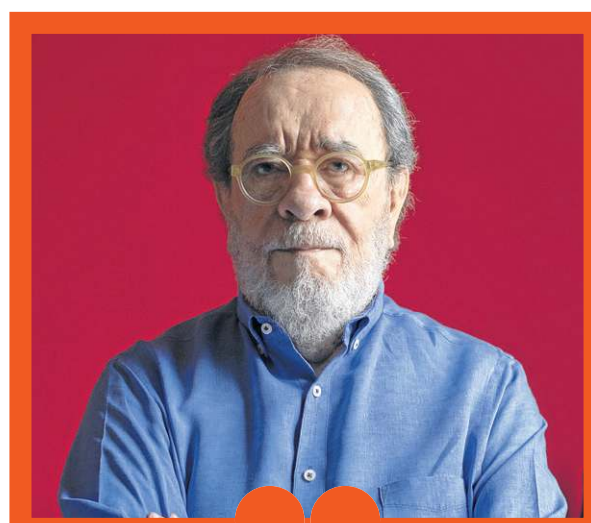
A maneira de resolver esse problema, que era um problema que me preocupava desde que nós acertamos que ia ter livro, foi falar com ele: "Presidente, só tem uma exigência. Eu faço o livro,



LULA — BIOGRAFIA VOLUME 2

De Fernando Moraes.
Companhia das Letras, 352 páginas.
R\$ 89,90

FERNANDO MORAIS LANÇA O SEGUNDO VOLUME DE LULA — BIOGRAFIA, NO QUAL REGISTRA, SOBRETUDO, AS CAMPANHAS PRESIDENCIAIS ENTRE 1989 E OS ANOS 2000

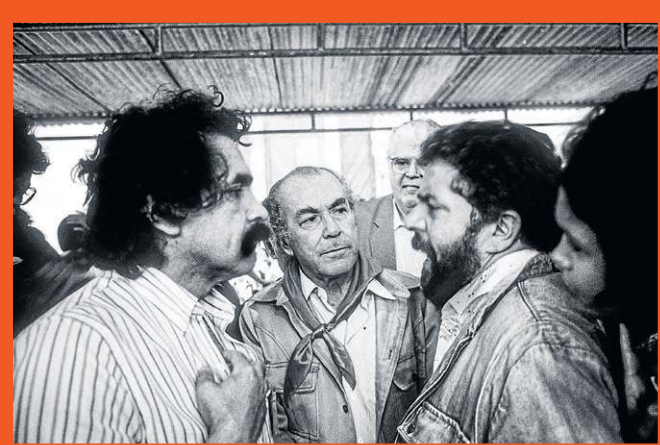


Renato Parada

Se você estabelecer uma comparação entre o Brasil de hoje e o Brasil de quando o Lula começou, lá em 2000, 2002, o Brasil melhorou. Agora, curiosamente, e isso me espanta muito, a democracia não se consolidou, ao ponto da a gente estar na situação que está hoje. A consolidação da democracia é um processo tão frágil que você tem medo de que alguém que é contra a democracia possa ganhar as eleições'

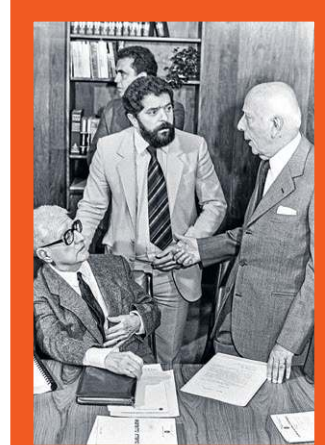
Fernando Moraes, autor de *Lula — Biografia Volume 2*

Jesus Carlos/Imagens



Olívio Dutra, Leonel Brizola e Luiz Inácio Lula da Silva numa manifestação pelas Diretas Já no centro da cidade de São Paulo, em 1988

Paula Simas



Afonso Arinos, Lula e Ulysses Guimarães na Constituinte

Jesus Carlos/Imagens



Adhemar de Barros Filho, Brizola, Lula e Olívio Dutra em uma manifestação pelas Diretas Já em São Paulo em 1988

estou muito honrado, vai ser um trabalho profissional da maior importância. Agora, tem uma coisa: o senhor só vai ler o livro impresso. O senhor não vai ler nenhuma lauda do que eu escrever." Às vezes, durante esses trajetos com ele, eu chegava a adverti-lo: "Presidente, o senhor está falando coisas na minha frente como estivesse falando com um amigo. Eu não estou aqui como um amigo. Eu vou anotar tudo que o senhor disser e eu vou publicar." Essa indiscrição permanente talvez explique uma coisa curiosa. O primeiro exemplar do livro que saiu, eu levei para ele. E ele nunca disse uma sílaba a respeito. Se gostou, se não gostou do livro. Nem para mim nem para a imprensa.

Essa é a primeira biografia que você faz de uma pessoa viva e não conta a vida do personagem de maneira convencional. Por que essa opção?

Posso dizer que não vou fazer mais biografia de gente viva. E não é só uma biografia, é um pouco a história do Lula, um pouco a história da circunstância dele. É como se fosse uma árvore que tivesse um tronco grosso, o meio e galhos saindo para todos os lados. Tem hora que eu largo o Lula no meio da narrativa e vou percorrendo um outro caminho atrás de outro personagem ou episódio. Isso não é casual, é deliberado porque é impossível escrever a história de um cara como o Lula sem contar um pouco a história do partido, do movimento sindical e a história política do Brasil. Ele está completando agora 12 anos de governo como presidente da República. Se ele ganhar a eleição, vai entrar para a história do Brasil

como o presidente que durante mais tempo esteve na presidência pelo voto direto. Com um personagem com essa trajetória, é inevitável que você saia da figura central para poder contar um pouco da circunstância em que ele agiu assim ou assado, o que ele fez ou como deixou de fazer alguma coisa.

Sobre o trabalho de apuração dos bastidores que você revela no livro, o que foi mais desafiador?

Eu acho que devo isso à nossa profissão. Nós, jornalistas, desenvolvemos uma natureza adicional que é buscar o que as pessoas nã o

conhecem. A essência do jornalismo é contar o que o sujeito não sabe. Eu acho que o livro é importante para você entender quem é o Lula, presidente da República. E o volume 2 é mais importante que o primeiro. Não teria muito sentido eu fazer uma salada de frutas, um grande resumo daquilo que todo mundo já sabia. Então, eu fui atrás de personagens. É um livro que, apesar de estar tratando de episódios ocorridos há 20, 30, 40 anos, tem bastidor. Um livro de revelações que são novidades para 90% dos leitores, para praticamente todo mundo que não esteve envolvido naquele microcosmo.

E como você desenterrou essas revelações?

Fazendo o trabalho que eu fazia nas redações, indo atrás das pessoas e perguntando. O Tasso Jereissati, por exemplo, eu fui procurá-lo e, na primeira vez, ele rechaçou um pouco. Disse "Ah, não, o que que existe já foi tomado público". E, aí, eu vou e bico, bico, bico, vou atrás, insisto e acabo descobrindo coisas que torna o livro atual, apesar de ser um livro histórico.

Que momento você destacaria como um dos mais significativos da apuração e do livro?

Uma coisa que me chamou muito a atenção, muito mesmo, foi o choque causado no Lula primeira caravana (pelo Brasil). Ele estava repetindo uma coisa que ele tinha feito quando era pouco mais que um bebê, com 4 anos de idade, quando foi com a família de Garanhuns até o Guarujá, em São Paulo. Para meu espanto, ele descobre, durante a caravana, que o Brasil piorou. Em 50 anos, o Brasil piorou. Ele, que viveu uma vida miserável, uma vida dramática, uma vida cheia de tragédias familiares pesadas, se espanta ao chegar num lixão, na viagem da Caravana da Esperança, e as pessoas estão comendo lixo. O impacto que isso causou foi enorme. Eu chamo de doutorado em Brasil profundo. O Lula fez um doutorado no Brasil profundo.

Pensando no Brasil de hoje e das últimas décadas, que paralelo é possível fazer com toda essa história que você conta nos dois livros? Afinal, Lula, seu personagem, está no terceiro mandato...

Fazer história de personagem vivo é mais mau do que bom. Mas, ao mesmo tempo, tem uma coisa que é insubstituível que é o olho do autor. Essa é a vantagem de fazer história de alguém vivo. Mas, ao mesmo tempo, você vai estabelecer uma comparação entre o Brasil de hoje e o Brasil de quando o Lula começou, lá em 2000, 2002. O Brasil melhorou. Agora, curiosamente, e isso me espanta muito, a democracia não se consolidou, ao ponto da a gente estar na situação que está hoje. A consolidação da democracia é um processo tão frágil que você tem medo de que alguém que é contra a democracia possa ganhar as eleições. Nesse sentido, o livro tem um lado meio cabotino, mas é pedagógico mostrar para as pessoas que a gente pode piorar. Existe um risco. Houve melhoras substantivas, as pessoas mais pobres, de origem socioeconômica mais modesta, vivem melhor hoje do que viviam. A gente pode ver um Brasil melhor para eles, mas, ao mesmo tempo, a gente não pode dormir com os dois olhos fechados. Tem que dormir com um olho na democracia e um olho naqueles que não querem a democracia.